

# ~~Bartleby,~~ ~~o escrivão~~

PREFERIA  
NÃO FAZÊ-LO.

Herman  
Melville



Tradução de  
A. B. PINHEIRO DE LEMOS

2ª edição



Rio de Janeiro, 2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Melville, Herman, 1819-1891

## M486b

Bartleby, o escrivão [recurso eletrônico] / Herman Melville; tradução A. B. Pinheiro de Lemos. - 1. ed. -- Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.  
recurso digital

Tradução de: Bartleby, the scrivener Formato: epub Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web ISBN: 978-85-03-01320-8 (recurso eletrônico) 1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Lemos, A. B. Pinheiro de. II. Título.

**17-40282**

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Copyright da apresentação © Maria Kodama, 1995.

Este livro foi revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Reservam-se os direitos desta tradução à  
EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.  
Rua Argentina, 171 – 3º andar – São Cristóvão  
20921-380 – Rio de Janeiro, RJ  
Tel.: (21) 2585-2000

Seja um leitor preferencial Record.  
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e promoções.

ISBN 978-85-03-01320-8

Produzido no Brasil  
2017

# Sumário

Apresentação

Bartleby, o escrivão

Sobre Herman Melville

Sobre Jorge Luis Borges

Apresentação Herman Melville publicou *Moby Dick* no inverno de 1851. Foi o romance infinito que determinou sua glória. Página a página, o relato vai crescendo, até assumir as proporções do cosmo. A princípio, o leitor pode imaginar que o tema é a vida miserável dos pescadores de baleia; depois, que o tema é a loucura do capitão Ahab, ansioso em perseguir e destruir a Baleia Branca; depois, que a Baleia Branca e Ahab, na perseguição que se estende pelos oceanos do planeta, são símbolos e espelhos do universo. Para insinuar que o livro é simbólico, Melville declara que não o é, expressamente: “Que ninguém considere *Moby Dick* como uma história monstruosa ou, o que seria pior, uma alegoria atroz e inadmissível.” (*Moby Dick*, XLV) A conotação habitual da palavra alegoria parece ter ofuscado os críticos; todos preferem limitar-se a uma interpretação moral da obra. Assim, E. M. Forster (*Aspectos do romance*, VII) escreveu: “Limitado e reduzido nas palavras, o tema espiritual de *Moby*



*Dick* é mais ou menos o seguinte: uma batalha contra o Mal, prolongada excessivamente ou de um modo errôneo.” De acordo, só que o símbolo da Baleia Branca é menos propício a sugerir que o cosmo é mau do que a sugerir sua vastidão, sua inumanidade, sua estupidez irracional ou enigmática. Chesterton, em alguns de seus escritos, compara o universo dos ateus a um labirinto sem centro. Assim é o universo de *Moby Dick*: um cosmo (um caos) não apenas visivelmente maligno, como o que intuíram os gnósticos, mas também irracional, como o dos hexâmetros de Lucrécio.

*Moby Dick* está escrito num dialeto romântico do inglês, um dialeto veemente, que alterna ou conjuga processos de Shakespeare e Thomas de Quincey, de Browne e de Carlyle. *Bartleby* usa um idioma tranquilo e até jocoso, cuja aplicação deliberada a um tema atroz parece preconizar um Franz Kafka. Há uma afinidade secreta e central entre as duas ficções. Na primeira, a monomania de Ahab transtorna e finalmente aniquila todos os homens do navio; na segunda, o cândido niilismo de Bartleby contagia seus companheiros e também o homem estólido que relata sua história e abona as suas tarefas imaginárias. É como se Melville houvesse escrito: “Basta que um único homem seja irracional para que os outros também o

sejam, e o mesmo aconteça com o universo.” A história universal está repleta de confirmações desse teor.

*Bartleby* pertence ao volume intitulado *The Piazza Tales* (1856). John Freeman comentou a respeito de outro conto desse livro que não pôde ser compreendido em toda a sua plenitude até que Joseph Conrad publicou determinadas histórias análogas, quase meio século depois; eu diria que a obra de Kafka projeta sobre *Bartleby* uma curiosa luz posterior. *Bartleby* já define um gênero que Franz Kafka reinventaria e aprofundaria a partir de 1919: o das fantasias do comportamento e sentimento ou, como agora lamentavelmente se diz, psicológicas. Quanto ao resto, as páginas iniciais de *Bartleby* não prenunciam um Kafka, mas lembram ou repetem um Dickens... Em 1849, Melville havia publicado *Mardi*, um romance inextricável e ainda ilegível, mas cujo argumento essencial antecipa as obsessões e o mecanismo de *O castelo*, *O processo* e *América*: trata-se de uma perseguição infundável, por um mar infinito.

Referi-me às afinidades de Melville com outros escritores. Mas não o subordino a eles. Apenas recorro a uma das leis de toda e qualquer descrição ou definição: relacionar o desconhecido com o conhecido. A grandeza de Melville é substantiva, mas sua glória é recente. Melville morreu em 1891; vinte anos depois de sua morte, a 11ª edição da *Encyclopaedia Britannica* considerou-o um mero cronista da vida marítima; Lang e George Saintsbury, em 1912 e 1914, ignoraram-no totalmente em suas histórias da literatura inglesa. Mas, depois, ele foi reabilitado por Lawrence da Arábia e D. H. Lawrence, Waldo Frank e Lewis Mumford. Raymond Weaver, em 1921, publicou a primeira monografia americana: *Herman Melville, Mariner and Mystic* (*Herman Melville, marinheiro e místico*); John Freeman, em 1926, publicou a biografia crítica *Herman Melville*.

A vasta população, as cidades fervilhantes, a publicidade errônea e clamorosa, tudo tem conspirado para que o grande homem secreto seja

uma das tradições da América. Edgar Allan Poe foi *um* deles; Melville foi outro.

Jorge Luis Borges

## Bartleby, o escrivão

Sou um homem já idoso. A natureza das minhas atividades, nos últimos trinta anos, pôs-me em contato íntimo com um grupo de homens interessantes e um tanto singulares, sobre os quais nada se escreveu até agora, ao que eu saiba. Refiro-me aos amanuenses ou escreventes judiciais. Conheci muitos, tanto profissional como particularmente; se me aprouvesse, poderia relatar muitas histórias, que fariam sorrir os homens afáveis e levariam as almas sentimentais a chorar. Mas renuncio às biografias de todos os outros escreventes por alguns episódios da vida de Bartleby, que foi também um escrivão, o mais estranho que já conheci ou de que ouvi falar. Eu poderia escrever a vida completa de outros escreventes, mas isso seria impossível com Bartleby. Creio que não há material para uma biografia completa e satisfatória desse homem. O que é uma perda irreparável para a literatura. Bartleby era um desses seres sobre os quais nada se pode dizer com certeza, exceto quando colhido nas fontes originais, que em seu caso eram por demais exíguas. Tudo o que sei de Bartleby é o que testemunhei com meus próprios olhos atônitos, a não ser por um rumor vago, que aparece no epílogo.

Antes de apresentar o amanuense como me apareceu pela primeira vez, é conveniente dar algumas informações a meu respeito, meus empregados, meus negócios, meu escritório e o ambiente geral, porque

tal descrição é indispensável para uma compreensão adequada do personagem principal.

Sou um homem que, desde a juventude, sempre teve a convicção profunda de que o caminho mais fácil na vida é o melhor. Daí porque, apesar de pertencer a uma profissão tradicionalmente movimentada e nervosa, alcançando às vezes o grau de turbulência, jamais permiti que tais problemas interferissem na minha paz. Sou um desses advogados sem ambição, que nunca se apresentam perante o júri nem procuram o aplauso público. Na serena tranquilidade de um refúgio ameno, cuido de amenas transações de homens ricos, em hipotecas, ações e títulos de renda. Todos os que me conhecem acham que sou um homem eminentemente *seguro*. O falecido John Jacob Astor, um personagem que não era absolutamente afeiçoado ao entusiasmo poético, não teve a menor hesitação em proclamar que minha primeira virtude era a prudência e a seguinte era o método. Não falo por vaidade, simplesmente registro o fato de que meus serviços profissionais não foram desprezados pelo falecido John Jacob Astor, um nome que me agrada repetir, tenho de reconhecer, pois possui uma reverberação orbicular e sonante, como ouro cunhado. E devo acrescentar, espontaneamente, que eu não era insensível à opinião favorável do falecido John Jacob Astor.

Pouco antes de começar esta pequena história, minhas atividades se haviam ampliado consideravelmente. Fora nomeado para o excelente cargo de consultor de Justiça, agora extinto no Estado de Nova York. Não era um cargo que exigisse um trabalho árduo, mas proporcionava uma remuneração das mais agradáveis. Raramente perco a calma e ainda mais raramente me entrego a uma indignação perigosa contra as injustiças e afrontas. Mas que me permitam ser temerário neste ponto e declarar que considero um ato prematuro a supressão do cargo de consultor de Justiça pela nova Constituição. Afinal, eu contava que os seus proventos me

proporcionariam uma renda vitalícia, mas só os recebi por uns poucos anos. Contudo, este é um problema secundário.

Meu escritório ficava num segundo andar, no número X de Wall Street. Por um lado, dava para a parede branca de um amplo tubo de ventilação, coberto por uma claraboia, que se estendia de alto a baixo do prédio.

Essa paisagem era um tanto insípida, já que lhe faltava o que os pintores de exteriores chamam de “vida”. Se assim era, a vista pelo outro lado oferecia pelo menos um contraste, se não mais. As janelas davam para uma parede alta de tijolos, enegrecida pelos anos e pela sombra perpétua. As belezas ocultas dessa parede não exigiam uma luneta para serem admiradas, pois estavam a menos de três metros das janelas, em benefício dos admiradores míopes. Tendo em vista a grande altura dos prédios em redor e o fato de meu escritório ser no segundo andar, o espaço entre essa parede e a minha parecia uma imensa cisterna quadrada.

No período imediatamente anterior ao advento de Bartleby, eu tinha dois amanuenses a meu serviço e um rapaz muito ativo que servia como contínuo. O primeiro, Turkey; o segundo, Nippers; o terceiro, Ginger Nut. Podem parecer nomes, ainda que difíceis de encontrar nas listas. Na verdade, eram apelidos, mutuamente conferidos por meus empregados e que expressavam suas respectivas pessoas ou características. Turkey (Peru) era um inglês baixo e gordo, mais ou menos da minha idade... ou seja, não estava muito longe dos 60 anos. Podia-se dizer que pela manhã seu rosto era rosado, mas depois de meio-dia, sua hora do almoço, parecia arder como uma lareira com carvões em brasa no Natal. Continuava a arder, mas gradativamente se desvanecendo até seis horas da tarde; depois, eu não mais via o dono do rosto, que coincidia em seu zênite com o sol e com ele parecia também se pôr, para ressurgir na manhã seguinte, culminar e declinar, com a mesma regularidade e a mesma glória inabalável.

Ao longo da minha vida deparei com muitas coincidências singulares, entre as quais não era das menores o fato de que o momento exato em que Turkey irradiava os raios mais intensos de seu rosto em chama assinalava o instante crítico em que começava o período diário no qual sua capacidade de trabalho ficava profundamente afetada pelas próximas 24 horas. Não se diga que ele se tornava indolente ou avesso ao trabalho; longe disso. O problema era justamente o contrário, ele tendia a se tornar por demais dinâmico. Era dominado por um frenesi de atividade, estranho, intenso, irrequieto. Descuidava-se ao molhar a pena no tinteiro. Todas as manchas de tinta encontradas em meus documentos foram feitas por Turkey, depois de meio-dia. Na verdade, ele não era apenas afoito e lamentavelmente propenso a produzir manchas à tarde, mas também às vezes ia mais longe e se tornava barulhento. Nessas ocasiões, seu rosto chamejava ainda mais intensamente, como se carvões de pedra fossem despejados sobre antacito. Fazia um barulho desagradável com a cadeira; esbarrava e derramava a areia da caixa; ao afinar as penas, impacientemente as cortava em fragmentos, jogava-as ao chão num súbito acesso de ira; levantava-se, inclinava-se sobre a mesa, espalhando papéis pelo chão, da forma mais inconveniente, num triste espetáculo para um homem já entrado em anos. Apesar disso, como era sob muitos aspectos um empregado dos mais valiosos, sempre diligente e eficiente antes de meio-dia, com um estilo difícil de ser igualado, eu me resignava com as suas excentricidades, embora ocasionalmente tivesse de repreendê-lo. Mas sempre o fazia gentilmente, pois Turkey podia ser o mais cortês, afável e reverente dos homens pela manhã, mas à tarde ficava predisposto, à menor provocação, a reagir em linguagem áspera — mais do que isso, insolente. Por isso, apreciando os seus serviços matutinos e resolvido a não perdê-los, mas ao mesmo tempo contrafeito com seu comportamento inconveniente e explosivo depois de meio-dia, e por ser um homem pacífico, não querendo que minhas advertências acarretassem reações inadmissíveis, resolvi ao meio-dia de um sábado



(Turkey era sempre pior aos sábados) sugerir-lhe, gentilmente, que talvez agora que começava a envelhecer fosse melhor reduzir suas tarefas; em suma, ele não precisava mais comparecer ao escritório depois de meio-dia, podendo voltar aos seus aposentos depois do almoço e descansar até a hora do chá. Mas não adiantou, pois Turkey insistiu em cumprir suas obrigações vespertinas. Seu semblante tornou-se insuportavelmente fervoroso, enquanto me assegurava enfaticamente, gesticulando com uma régua comprida no outro lado da sala, que se seus serviços eram úteis pela manhã, não seriam indispensáveis à tarde?

— Com sua devida licença, senhor — disse Turkey nessa ocasião —, considero-me o seu braço direito. Pela manhã, disponho as minhas colunas em formação de combate, à tarde me coloco na vanguarda e bravamente desfecho uma carga contra o inimigo, assim...

E ele fez uma violenta investida com a régua.

— Mas as manchas, Turkey...

— É verdade, senhor. Mas, com todo respeito, contemple estes cabelos! Estou ficando velho. E certamente, senhor, um borrão ou dois numa tarde quente não podem ser levados em consideração contra os meus cabelos brancos. A velhice, mesmo que uma página inteira fique borrada, é honrosa. E, com o devido respeito, senhor, *ambos* estamos envelhecendo.

Era muito difícil resistir a esse apelo a meus sentimentos de companheirismo. De qualquer forma, sabia que não poderia despedi-lo. Assim, tomei a decisão de deixá-lo ficar durante o dia inteiro, mas cuidando para que documentos de maior importância não lhe caíssem nas mãos durante a tarde.

Nippers (Torquês), o segundo da minha lista, era pálido, barbudo, de aparência pirática, em torno dos 25 anos. Sempre o julguei vítima de duas forças malignas — ambição e indigestão. A ambição era comprovada por uma certa impaciência no cumprimento dos seus deveres de mero copista e numa usurpação injustificável de questões

exclusivamente profissionais, como a elaboração original de documentos legais. A indigestão parecia manifestar-se em acessos nervosos de mau humor e irritações sorridentes, os dentes rangendo audivelmente por erros cometidos em cópias; maldições desnecessárias, mais sibiladas do que pronunciadas expressamente, no auge de suas atividades; e, em especial, uma insatisfação permanente com a altura da mesa em que trabalhava. Embora possuísse uma engenhosa aptidão mecânica, Nippers parecia jamais conseguir ajeitar a mesa a seu gosto. Punha calços por baixo, blocos de vários tipos, pedaços de papelão, e finalmente tentou um ajustamento sutil com tiras dobradas de mata-borrão. Mas tudo era em vão. Se levantava a tampa da mesa em ângulo agudo, na direção de seu queixo, a fim de aliviar as costas, escrevendo como um homem a usar o telhado íngreme de uma casa holandesa por escrivaninha, queixava-se que isso prejudicava a circulação do sangue nos braços. Se baixava a mesa para a cintura, debruçando-se para escrever, reclamava que as costas lhe doíam. Em suma, a verdade era que Nippers não sabia o que queria. Ou, se ele queria alguma coisa, era livrar-se inteiramente de uma mesa de copista. Entre as manifestações de sua ambição doentia estava a inclinação para receber visitantes de aparência suspeita e trajes andrajosos, a quem chamava de clientes. Eu sabia que Nippers não apenas tinha um interesse considerável pela política partidária, mas também ocasionalmente fazia os seus pequenos negócios nos tribunais e não era desconhecido nas antessalas do cárcere. Tenho bons motivos para acreditar, no entanto, que um dos indivíduos que o visitavam em meu escritório, e a quem ele chamava pomposamente de *meu cliente*, era apenas um credor insistente, enquanto o documento apresentado como uma escritura imobiliária não passava de uma conta. Mas, apesar de todas as suas falhas e inconveniências, Nippers (da mesma forma que seu compatriota Turkey) era-me muito útil. Escrevia com rapidez e uma letra precisa, não lhe faltava distinção no comportamento, quando assim o queria. Acrescente-se a isso que sempre se vestia com alguma elegância;

o que, diga-se de passagem, refletia-se em crédito para o meu escritório. Por outro lado, em relação a Turkey, eu tinha de me esforçar para evitar que lançassem descrédito sobre mim. Suas roupas pareciam sempre gordurosas, recendendo a comida. No verão usava calças largas e amarrotadas. Os casacos eram abomináveis, no chapéu nem se podia tocar. Mas o chapéu podia me ser indiferente, já que a sua cortesia natural e deferência, como um inglês subalterno, sempre o levavam a tirá-lo assim que entrava na sala, enquanto que o casaco era uma questão diferente. Ainda tentei argumentar com ele a propósito de suas roupas, mas de nada adiantou. A verdade, ao que suponho, era que um homem de renda tão exígua não podia ao mesmo tempo ostentar um rosto brilhante e roupas igualmente brilhantes. Como Nippers comentou certa ocasião, o dinheiro de Turkey ia quase todo para tinta vermelha. Num dia de inverno presenteei Turkey com um sobretudo meu, de aparência altamente respeitável, um sobretudo cinza forrado e confortável, que se abotoava dos joelhos ao pescoço. Pensei que Turkey apreciaria o presente, moderando seus arroubos e turbulências vespertinas. Mas não foi o que aconteceu. Creio até que o fato de se abotoar num sobretudo tão macio e aconchegante exerceu um efeito pernicioso... pelo mesmo princípio de que um excesso de aveia é prejudicial aos cavalos. Assim como um cavalo se torna irrequieto e indócil com a aveia, Turkey também ficou com o sobretudo. Fê-lo insolente. Era um homem a quem a prosperidade prejudicava.

Eu podia ter suposições pessoais em relação aos hábitos de continência de Turkey, mas no que se refere a Nippers estava absolutamente convencido de que, quaisquer que fossem os seus defeitos em outras coisas, era pelo menos um jovem abstinente. Mas a verdade é que a própria natureza parecia ter sido sua taberneira, impregnando-o ao nascer com uma disposição tão irritadiça e tão alcoólica que qualquer outra dose posterior era-lhe desnecessária. Quando penso que na calma de meu escritório Nippers às vezes se levantava impientemente,

inclinava-se para a frente, estendia os braços, agarrava a mesa e a sacudia bruscamente, com uma determinação sombria, fazendo barulho no chão, como se a mesa fosse um agente perverso dotada de livre-arbítrio e visando a contrariá-lo e frustrá-lo, compreendo claramente que uma dose de conhaque lhe era totalmente supérflua.

Era uma sorte para mim que, em decorrência de sua causa específica, a indigestão, a irritabilidade e consequente nervosismo de Nippers se manifestassem principalmente pela manhã, enquanto à tarde ele se mantinha relativamente tranquilo. Como os paroxismos de Turkey só assomavam depois de meio-dia, eu nunca tive de enfrentar as excentricidades de ambos ao mesmo tempo. Quando Nippers estava ligado, Turkey estava desligado; e vice-versa. Nas circunstâncias, até que era um bom arranjo.

Ginger Nut, o terceiro da minha lista, era um rapaz de uns 12 anos. O pai era um carroceiro, ansioso em ver o filho em ação nos tribunais antes de morrer, em vez de montado numa carroça. Por isso, despachou-o para o meu escritório como estudante das leis, garoto de recados, faxineiro e varredor, a um dólar por semana. Ele tinha uma pequena mesa, mas quase não a usava. Em qualquer inspeção, a gaveta de sua mesa exibia uma grande quantidade de cascas de diversos tipos de nozes. Para aquele rapaz de inteligência intensa, toda a nobre ciência do Direito estava contida numa casca de noz. Entre as suas diversas tarefas, a que desempenhava com a maior presteza era a de fornecedor de bolos e maçãs para Turkey e Nippers. Copiar documentos legais é proverbialmente um ofício seco e por isso meus dois amanuenses eram propensos a molhar a garganta frequentemente com refrescos nos numerosos quiosques que se encontravam nas proximidades do Correio e da Alfândega. Também enviavam Ginger Nut a comprar o bolinho específico, pequeno, chato, redondo e muito temperado, à base de gengibre, pelo qual lhe haviam dado o apelido. Nas manhãs frias, quando havia pouco trabalho, Turkey os engolia às dezenas, como se

fossem meras bolachas — e se vendiam seis ou oito por apenas um *cent* —, o ranger da pena se misturando com o triturar das partículas em sua boca. Em meio às confusões e arroubos vespertinos de Turkey, recordo que uma vez ele umedeceu um bolinho de gengibre entre os lábios e o estampou como selo numa hipoteca. Estive então por um triz para despedi-lo. Mas ele me desarmou com uma reverência oriental, dizendo:

— Com sua licença, senhor, devo lembrar que foi generosidade da minha parte fornecer um selo à minha custa.

Minhas funções originais, de advogado de escrituras, providenciando os documentos mais diversos, aumentaram consideravelmente quando assumi o cargo de agregado da Suprema Corte. Havia agora muito trabalho para os escreventes. Precisava não apenas exigir mais dos empregados que já tinha, mas também de ajuda adicional.

Em resposta ao meu anúncio, um jovem imóvel surgiu uma manhã à porta do escritório, que estava aberta, por ser verão. Posso ver a sua imagem agora: palidamente delicado, lamentavelmente respeitável, irremediavelmente desamparado! Era Bartleby.

Depois de algumas palavras sobre as suas qualificações, resolvi contratá-lo, satisfeito por ter entre os meus copistas um homem de aparência tão sóbria e serena, que poderia exercer uma influência benéfica sobre o temperamento arrebatado de Turkey e o fegoso de Nippers.

Eu deveria ter explicado antes que uma porta de vidro dividia meu escritório em duas partes, uma ocupada pelos empregados e a outra por mim. De acordo com meu humor, a porta ficava aberta ou fechada. Resolvi instalar Bartleby num canto da porta, só que do meu lado, a fim de ter por perto um homem tão quieto, em caso de haver necessidade de realizar alguma tarefa de menor importância. Sua mesa ficou junto a uma pequena janela, que outrora proporcionava a vista de alguns pátios internos e muros de tijolos, mas agora só oferecia alguma claridade e nenhuma vista, por causa de construções posteriores. Havia um paredão

a um metro da janela; a claridade vinha lá de cima, entre dois prédios altos, como se fosse de uma pequena abertura num domo. Para que o arranjo fosse plenamente satisfatório, providenciei um biombo verde, que podia esconder Bartleby inteiramente da minha vista, mas não o deixava fora do alcance da minha voz. E assim, de certa forma, privacidade e convívio se combinaram.

A princípio, Bartleby escrevia numa quantidade espantosa. Como se estivesse faminto de coisas para copiar, ele parecia deleitar-se com os meus documentos. Não havia pausa para digestão. Trabalhava dia e noite, à luz do sol e à luz de vela. Eu deveria ficar encantado com a sua diligência, se ele se mostrasse um pouco jovial. Mas Bartleby escrevia em silêncio, apaticamente, mecanicamente.

Uma parte indispensável das tarefas de um escrivão, como não podia deixar de ser, é verificar a fidelidade de suas cópias, palavra por palavra. Quando há dois ou mais escreventes num escritório, eles se ajudam mutuamente nessa conferência, um deles lendo a cópia e outro acompanhando pelo original. É um trabalho insípido, cansativo e letárgico. Posso compreender que seria totalmente insuportável para algumas personalidades mais exuberantes. Não posso imaginar, por exemplo, que o fogoso poeta Byron pudesse sentar-se satisfeito com Bartleby para conferir um documento legal em torno de quinhentas páginas, escritas em letra pequena.

Ocasionalmente, na pressa dos negócios, eu ajudava a conferir documentos curtos, convocando Turkey ou Nippers para esse propósito. Um dos meus objetivos, ao instalar Bartleby assim à mão, por trás do biombo, foi o de poder aproveitar seus serviços nessas ocasiões triviais. Creio que foi no terceiro dia de sua presença no escritório, antes de se tornar necessário conferir qualquer das suas cópias, que a pressa em concluir um trabalho me levou a chamar Bartleby abruptamente. Na pressa e expectativa natural de uma obediência imediata, fiquei sentado com a cabeça inclinada sobre o original em minha mesa, a mão direita

estendida para o lado, um tanto nervosamente, segurando a cópia, a fim de que Bartleby, ao sair do seu refúgio, pudesse prontamente arrebatá-la e se pôr a trabalhar, sem qualquer delonga.

Nessa postura eu estava quando o chamei, explicando rapidamente para que o desejava: conferir junto comigo um pequeno documento. Imaginem minha surpresa... mais do que isso, minha consternação, quando Bartleby respondeu, sem deixar sua privacidade, em voz singularmente suave e firme:

— Preferia não fazê-lo.

Fiquei em silêncio total por um momento, recompondo minhas faculdades atordoadas. Ocorreu-me prontamente que os ouvidos me haviam enganado ou que Bartleby não entendera direito as minhas palavras. Repeti a ordem no tom mais claro e incisivo de que era capaz. Mas ouvi em voz igualmente clara e incisiva a mesma resposta anterior:

— Preferia não fazê-lo.

— Preferia não fazê-lo? — repeti, como um eco, levantando-me muito nervoso e atravessando a sala em grandes passadas. — O que está querendo dizer com isso? Por acaso ficou louco? Quero que me ajude a conferir esta página. Tome aqui.

Estendi-lhe o documento. Mas Bartleby insistiu:

— Preferia não fazê-lo.

Fitei-o atentamente. O rosto estava sereno, os olhos vagamente calmos. Não havia qualquer vestígio de agitação. Se houvesse a menor inquietação, ira, impaciência ou impertinência em sua atitude — em outras palavras, se houvesse nele qualquer reação normalmente humana —, eu o teria despedido bruscamente. Mas, nas circunstâncias, isso seria a mesma coisa que jogar na rua o meu pálido busto em gesso de Cícero. Fiquei observando-o por mais algum tempo, enquanto ele voltava a escrever, depois tornei a sentar-me à minha mesa. É muito estranho, pensei. Qual seria a melhor coisa a fazer? Mas o trabalho que eu tinha em mãos era de extrema urgência. Resolvi esquecer o incidente, pelo menos

por enquanto, reservando-o para uma análise em lazer futuro. Chamei Nippers da outra sala e o documento foi rapidamente conferido.

Poucos dias depois, Bartleby concluiu quatro documentos extensos, quadruplicatas de depoimentos prestados perante mim, no decorrer de uma semana, no tribunal. Era necessário conferi-los. O processo era de suma importância e a fidelidade absoluta era indispensável. Chamei Turkey, Nippers e Ginger Nut da outra sala, tencionando distribuir as quatro cópias entre meus quatro empregados, enquanto eu lia o original. Assim, Turkey, Nippers e Ginger Nut sentaram-se em fila, cada um com uma cópia do documento nas mãos. Convoquei Bartleby para se juntar a esse grupo dos mais interessantes.

— Depressa, Bartleby! Estou esperando.

Ouvi o lento arrastar das pernas da cadeira no chão sem tapete e um momento depois ele apareceu à entrada de sua ermida, indagando suavemente:

— Em que posso ser útil?

— As cópias, as cópias! — exclamei apressadamente. — Vamos conferi-las. Tome aqui.

Estendi-lhe a quarta cópia.

— Eu preferia não fazê-lo — murmurou Bartleby, desaparecendo suavemente por trás de seu biombo.

Por um momento, transformei-me numa estátua de sal, de pé à vanguarda da minha coluna de escreventes sentados. Recuperando-me, avancei para o biombo, a exigir uma explicação para um comportamento tão estranho:

— Por que se recusa?

— Eu preferia não fazê-lo.

Com qualquer outro homem, eu me teria lançado prontamente a um acesso de raiva, desdenhando explicações e o expulsando ignominiosamente da minha presença. Mas havia algo em Bartleby que não apenas me desarmava estranhamente, mas também, de uma maneira



maravilhosa, me comovia e desconcertava. Pus-me a argumentar com ele:

— São suas próprias cópias que vamos conferir agora. Vai nos poupar trabalho, pois bastará uma só conferência para as quatro cópias. É esse o costume. Cada copista está obrigado a ajudar a conferir a sua própria cópia. Não é assim? Por que não quer falar? Explique!

— Eu preferia não fazê-lo — disse Bartleby, melodiosamente.

Parecia que, quando eu me dirigia a ele, Bartleby analisava cuidadosamente cada palavra, compreendia perfeitamente o significado, não podia contradizer a conclusão inevitável, mas ao mesmo tempo alguma consideração o levava a responder daquela forma.

— Está então decidido a não atender ao meu pedido... um pedido formulado de acordo com o costume e com o bom senso?

Ele me deu a entender brevemente que, nesse ponto, meu julgamento era exato. Era isso mesmo: sua decisão era irreversível.

Não é raro acontecer que um homem a quem se contradiz, de maneira inteiramente sem precedentes e totalmente insólita e irracional, comece abruptamente a duvidar de suas convicções mais elementares. Passa a pressupor vagamente, por mais estranho que possa parecer, que toda justiça e razão estão do outro lado. Assim, se há testemunhas imparciais presentes, recorre a elas para que sustentem a sua mente titubeante.

— O que acha disso, Turkey? — perguntei. — Eu não estou certo?

— Com todo respeito, senhor, acho que está — respondeu Turkey, em seu tom mais afável.

— Nippers, o que pensa a respeito?

— Acho que deveria expulsá-lo a pontapés do escritório.

(O leitor de alguma percepção há de notar que, sendo de manhã, a resposta de Turkey estava naturalmente embasada em termos polidos e tranquilos, enquanto a de Nippers estava dominada por maus bofes. Ou, para repetir uma imagem anterior, o mau humor de Nippers estava ligado e o de Turkey desligado.)

— Ginger Nut — acrescentei, ansioso em contar até com o sufrágio menor —, o que acha disso?

— Acho, senhor, que ele é meio maluco — respondeu Ginger Nut, com um sorriso.

— Ouviu o que eles disseram — declarei, virando-me para o biombo. — E agora saia e cumpra o seu dever.

Mas ele não se dignou a responder. Pensei por um momento, numa perplexidade contrafeita. Mas outra vez o trabalho me pressionava. E novamente decidi adiar a consideração daquele problema para um ócio futuro. Com alguma dificuldade, conseguimos conferir as cópias sem Bartleby, embora a cada página Turkey comentasse deferentemente que esse não era o procedimento correto. Nippers, por sua vez, retorcia-se na cadeira com um nervosismo dispéptico, rangendo os dentes e sibilando imprecações ocasionais contra o idiota por trás do biombo. E quanto a ele (Nippers), aquela era a primeira e última vez que fazia o trabalho de outro homem sem remuneração.

Enquanto isso, Bartleby permanecia sentado à sua ermida, indiferente a tudo que não fosse o seu próprio trabalho.

Alguns dias se passaram e o escrevente foi aproveitado em outro longo trabalho. Seu comportamento estranho me levou a observá-lo atentamente. Constatei que Bartleby jamais saía para almoçar; mais do que isso, jamais saía para qualquer lugar. Ao que eu soubesse, ele jamais se ausentara do escritório. Era como uma sentinela perpétua no canto. Notei, porém, que, por volta das onze horas da manhã, Ginger Nut avançava para a abertura no biombo de Bartleby, como se atendesse em silêncio a um chamado por gesto que era invisível do lugar em que eu me sentava. O rapaz deixava então o escritório, com algumas moedas a tilintarem, para voltar com alguns bolinhos de gengibre, que entregava na ermida, recebendo dois por seu trabalho.

Ele vive de bolinhos de gengibre, pensei. Jamais come um almoço completo. Portanto, deve ser um vegetariano. Não, não é possível, pois

também nunca come vegetais. Só come mesmo os bolinhos de gengibre. Meditei em devaneio sobre os prováveis efeitos no organismo humano de viver exclusivamente de bolinhos de gengibre. Assim são chamados porque o gengibre é um dos principais componentes, o que proporciona o sabor predominante. Mas o que é o gengibre? Uma coisa quente e picante. Bartleby era quente e picante? Absolutamente. Portanto, o gengibre não fazia qualquer efeito sobre Bartleby. Provavelmente ele preferia que não fizesse.

Nada irrita tanto uma pessoa ansiosa quanto uma resistência passiva. Se o indivíduo a quem se resiste não é inumano e aquele que resiste é perfeitamente inofensivo em sua passividade, então o primeiro, em seus momentos de melhor ânimo, vai se empenhar caridosamente para que sua imaginação interprete o que é impossível de esclarecer por seu julgamento. Assim me aconteceu com Bartleby e seu comportamento. Pobre coitado!, pensei; não faz por mal. É evidente que não age assim por insolência. Seu aspecto é prova mais do que suficiente de que suas excentricidades são involuntárias. Ele me é útil. Posso dar um jeito de conviver com ele. Se o despedir, provavelmente cairá nas mãos de algum patrão menos indulgente, será rudemente tratado e talvez compelido miseravelmente a passar fome. Isso mesmo, posso comprar por bem pouco a sensação agradável de amparar Bartleby. Posso me ajustar a seu estranho comportamento. Vai me custar bem pouco ou nada, enquanto guardo no fundo da alma o que há de se tornar um doce bocado para a minha consciência. Mas essa não era a minha disposição invariável. A passividade de Bartleby às vezes me irritava. Sentia-me estranhamente compelido a ter uma nova confrontação com ele, a arrancar-lhe alguma chispa de fúria que correspondesse à minha. Mas era a mesma coisa que tentar atear fogo esfregando os nós dos dedos contra um sabonete Windsor.

Fui dominado uma tarde por um impulso diabólico e ocorreu a cena seguinte:

— Bartleby, assim que todos esses documentos estiverem copiados, quero conferi-los com você.

— Eu preferia não fazê-lo.

— Mas como? Pretende persistir nesse capricho digno de uma mula?

Não houve resposta.

Abri a porta de vidro e disse, dirigindo-me a Turkey e Nippers:

— Bartleby está dizendo pela segunda vez que não vai conferir suas cópias. O que acha disso, Turkey?

Convém lembrar que era de tarde. Turkey reluzia como uma caldeira ligada, a calva fumegava, as mãos tamborilavam entre os papéis todos borrados na sua mesa.

— O que eu penso? — rugiu ele. — Acho que vou para trás do biombo e deixá-lo com os olhos pretos!

Assim dizendo, Turkey se levantou e esticou os braços na postura do pugilista. E já se estava adiantando, a fim de cumprir sua promessa, quando o detive, alarmado com o efeito de despertar imprudentemente a agressividade de Turkey depois do almoço.

— Sente-se, Turkey, e escute o que Nippers tem a dizer. O que acha da situação, Nippers? Eu não estaria plenamente justificado se despedisse Bartleby imediatamente?

— Desculpe-me, senhor, mas a decisão lhe compete inteiramente. Acho que o comportamento dele é bastante insólito. Mais do que isso, é injusto em relação a Turkey e a mim. Mas pode também ser um capricho passageiro.

— Pois então mudou de ideia estranhamente, Nippers... passa agora a falar dele com indulgência.

— É a cerveja! — exclamou Turkey. — Toda essa gentileza é culpa da cerveja. Nippers e eu almoçamos juntos hoje. Mas repare como *eu* estou gentil, senhor. Posso deixá-lo de olhos pretos?

— Suponho que está se referindo a Bartleby. Não, Turkey, hoje, não. Por favor, baixe esses punhos.

Fechei a porta e tornei a me dirigir a Bartleby. Sentia um novo impulso de tentar meu destino. Ansiava por uma nova rebelião. Lembrei que Bartleby nunca deixava o escritório e falei:

— Bartleby, Ginger Nut não está. Pode dar um pulo até o Correio (era uma caminhada de três minutos) e verificar se tem alguma coisa para mim?

— Eu preferia não fazê-lo.

— Não *quer* ir?

— *Prefiro* não ir.

Cambaleei até minha mesa e lá me sentei em profunda reflexão. Meu impulso cego predominou. Haveria alguma outra coisa capaz de acarretar-me mais uma repulsa ignominiosa daquele néscio magro e sem dinheiro... meu escrivão assalariado? Que outra coisa perfeitamente razoável ele haveria certamente de me recusar?

— Bartleby!

Não houve resposta.

— Bartleby! — exclamei, ainda mais alto.

Também não houve resposta.

— Bartleby!

Como um autêntico fantasma, atendendo às leis de uma invocação mágica, ele apareceu ao terceiro chamado na entrada de sua ermida.

— Vá até a outra sala e diga a Nippers para vir me falar!

— Eu preferia não fazê-lo.

Ele falou bem devagar, respeitosamente, desaparecendo em seguida, mansamente.

— Muito bem, Bartleby.

Falei em tom sereno, controlado, ao mesmo tempo severo, insinuando o propósito inalterável de alguma represália pronta e terrível. E naquele momento eu quase que tencionava algo assim. Mas como estava próxima a hora do meu almoço, achei melhor pegar o chapéu e voltar para casa, sofrendo com a minha perplexidade e aflição.

Devo admitir? A conclusão final desse entrevero é que ficou definido no escritório que um jovem e pálido escrevente chamado Bartleby, tinha uma mesa ali; que fazia cópias para mim ao preço normal de quatro *cents* por folha (um total de cem palavras); mas que ele estava permanentemente isento de conferir o trabalho que fazia, uma obrigação transferida a Turkey e Nippers, sem dúvida por terem uma sagacidade superior; além disso, o referido Bartleby não devia ser nunca, sob qualquer pretexto, encarregado de alguma outra missão, por mais trivial que fosse; e que se lhe fosse pedido, apesar de tudo, ele *preferia não fazê-lo...* ou, em outras palavras, se recusaria taxativamente.

À medida que os dias foram passando, sentime consideravelmente reconciliado com Bartleby. Sua aplicação, ausência de vícios, diligência incessante (a não ser quando se perdia em devaneio por trás do biombo), a calma constante e o comportamento inalterável, em todas as circunstâncias, faziam com que ele fosse uma valiosa aquisição. Acima de tudo, ele *sempre estava ali*, o primeiro a chegar pela manhã, uma presença contínua durante o dia, o último a sair à noite. Eu depositava uma confiança absoluta em sua honestidade. Sentia que meus documentos mais importantes estavam perfeitamente seguros em suas mãos.

Às vezes, porém, mesmo contra a vontade, não podia evitar súbitos acessos de ira contra ele. Pois era extremamente difícil suportar durante todo o tempo as estranhas condições, privilégios e exceções sem precedentes que constituíam os termos tácitos da parte de Bartleby para continuar a trabalhar no escritório. De vez em quando, na ansiedade em despachar coisas urgentes, eu me distraía e pedia a Bartleby, em tom de urgência, para pôr o dedo, por exemplo, numa fita vermelha com a qual estava amarrando alguns documentos. É claro que de trás do biombo vinha a resposta habitual: *Eu preferia não fazê-lo*. Como era possível que uma criatura humana, com as falhas comuns de nossa natureza, se abstivesse de protestar amargamente contra tanta perversidade... contra

tamanha irracionalidade? Contudo, cada nova repulsa tendia a reduzir as possibilidades de que a distração se repetisse.

Cabe dizer aqui que, de acordo com os costumes de muitos advogados instalados em escritórios densamente povoados, havia várias chaves para a minha porta. Uma delas ficava com a mulher que habitava o sótão, fazia uma faxina semanal e varria o escritório todos os dias. Outra estava em poder de Turkey, por uma questão de conveniência. A terceira eu levava às vezes no bolso, enquanto a quarta não sabia com quem ficava.

Numa manhã de domingo, resolvi ir à Igreja da Santíssima Trindade, a fim de ouvir um pregador famoso. Como estava um pouco adiantado, decidi dar um pulo ao escritório. Por sorte, estava com a minha chave. Ao enfiá-la na fechadura, porém, encontrei alguma resistência, pelo lado de dentro. Bastante surpreso, chamei por quem lá estava. Consternado, observei uma chave girar, pelo lado de dentro. A porta se entreabriu e deparei com o rosto pálido de Bartleby, uma aparição em mangas de camisa, num *deshabillé* estranhamente esfarrapado. Ele disse calmamente que lamentava, mas naquele momento estava muito ocupado e... preferia não me deixar entrar. Acrescentou que seria melhor eu dar duas ou três voltas pelo quarteirão, pois a esta altura já teria provavelmente concluído o que estava fazendo.

A presença totalmente inesperada de Bartleby no meu escritório, numa manhã de domingo, com sua indiferença cadavérica e cavalheiresca, mas ao mesmo tempo firme e controlada, causou-me um efeito tão estranho que prontamente deixei a porta do escritório e cumpri a sugestão. Mas não sem várias pontadas de impotente rebelião contra a suave desfaçatez daquele escrevente incorrigível. A verdade é que sua extrema mansidão não apenas me desarmava, mas também me intimidava. Pois considero uma covardia que alguém permita tranquilamente que um empregado lhe dê ordens e que o expulse de seu próprio escritório. Além disso, eu estava inquieto com a presença de Bartleby em meu escritório, em mangas de camisa, todo desarrumado,

numa manhã de domingo. Algo impróprio estaria acontecendo? Não, isso era impossível. Não podia imaginar por um momento sequer que Bartleby fosse um homem imoral. Mas o que ele poderia estar fazendo ali? Copiando? Também não era possível. Quaisquer que fossem as suas excentricidades, Bartleby era eminentemente decoroso. Seria o último homem do mundo a se sentar à sua mesa num estado que se aproximava muito da nudez. Além do mais, era domingo e havia algo em Bartleby que eliminava a suposição de que ele pudesse violar o dia consagrado ao Senhor com tarefas profanas.

Não obstante, eu não me sentia tranquilo. Dominado por uma curiosidade inexorável, voltei finalmente à porta do escritório. Sem encontrar qualquer obstáculo desta vez, inseri a chave na fechadura, abri a porta e entrei. Bartleby não estava visível. Corri os olhos ao redor ansiosamente, fui dar uma espiada por trás de seu biombo. Mas era evidente que Bartleby havia saído. Examinando o escritório mais atentamente, cheguei à conclusão de que, por um período indefinido, Bartleby devia ter comido, trocado de roupa e dormido ali, sem usar prato, espelho ou cama. O assento de um velho sofá num canto exibia a tênue impressão de um corpo esguio que ali se deitara. Encontrei uma manta enrolada por baixo de sua mesa; na lareira vazia havia uma lata de graxa e uma escova; numa cadeira, uma bacia com um sabonete e uma toalha rota; num jornal, algumas migalhas de bolinhos de gengibre e uma fatia de queijo. Isso mesmo, pensei, é mais do que evidente que Bartleby tem vivido aqui, transformando o meu escritório em seus aposentos de solteiro. Outro pensamento me ocorreu no instante seguinte: Que terrível solidão está revelada aqui! A pobreza de Bartleby é imensa, mas sua solidão é desesperadora! Pensem nisso. Aos domingos, Wall Street é um deserto como o da Arábia; cada noite, cada dia, é uma desolação vazia. Este prédio também, que durante os dias úteis fervilha de animação e vida, ao cair da noite ressoa com o puro vazio, aos domingos era a própria imagem da desolação. E era ali que Bartleby instalara seu lar,



único espectador de uma solidão que já vira povoada — uma espécie de inocente e transformado Marius, a meditar entre as ruínas de Cartago!

Pela primeira vez na vida fui dominado por um sentimento de melancolia opressivo e angustiante. Antes, nunca experimentara algo mais que uma ligeira tristeza, não tão desagradável assim. Um vínculo de humanidade comum me arrastava agora, irresistivelmente, para a depressão. Uma melancolia fraternal! Pois tanto eu como Bartleby éramos filhos de Adão. Lembrei as sedas brilhantes e os rostos ditosos que vira naquele dia, deslizando como cisnes pelo Mississippi da Broadway. Comparei-os com o pálido copista, pensando: Ah, a felicidade busca a luz, por isso julgamos que o mundo é alegre; mas o sofrimento se esconde na solidão, por isso julgamos que o sofrimento não existe. Essas tristes fantasias — certamente quimeras de um cérebro tolo e doentio — levaram a outros pensamentos, mais específicos, sobre as excentricidades de Bartleby. Pressentimentos de estranhas descobertas me invadiram. O vulto pálido do escrevente me surgiu, estendido em sua mortalha, entre desconhecidos indiferentes.

Fui atraído subitamente pela mesa fechada de Bartleby, com a chave na fechadura.

Não estava impelido por qualquer intenção maldosa, pensei, assim como não estava a fim de satisfazer qualquer curiosidade desalmada. Além do mais, a mesa era minha, assim como tudo o que estava lá dentro, tinha portanto todo o direito de efetuar uma revista. Levantei a tampa corrediça. Tudo estava metodicamente arrumado, os papéis em ordem. Os compartimentos eram profundos; tirando as pastas de arquivo, revistei os recessos. Não demorei muito a sentir alguma coisa e puxá-la. Era um lenço velho, de algodão, dobrado, com um nó na extremidade. Abri-o e deparei com um verdadeiro banco de poupança.

Recordei agora todos os serenos mistérios que já percebera no homem. Lembrei que ele só falava para responder a perguntas; que a intervalos tinha bastante tempo de folga, mas nunca o vira ler — nem mesmo um

jornal; que por longos períodos ficava olhando através da janela, por trás do biombo, para a parede de tijolos um metro além; que o rosto claro indicava sem qualquer dúvida que nunca tomava cerveja, como Nippers, nem mesmo chá ou café, como os outros homens; que nunca saía para ir a um restaurante; que aparentemente nunca saía para ir a qualquer lugar específico, ao que eu pudesse saber; que nunca saía para dar uma volta, a não ser talvez naquele momento; que se recusara a dizer quem era ou de onde vinha, até se tinha algum parente no mundo; que podia ser pálido e magro, mas jamais se queixara de qualquer problema de saúde. Mais do que tudo, lembrei um certo ar inconsciente de pálida... como poderei descrever?... de pálida altivez, talvez fosse melhor falar em reserva austera, que positivamente me intimidara para a dócil aceitação de suas excentricidades, levando-me a temer pedir-lhe qualquer coisa, por menor que fosse, mesmo sabendo que por trás de seu biombo ele devia estar imóvel, imerso num dos seus devaneios, a olhar fixamente para o muro em frente.

Meditando sobre todas essas coisas e somando-as à recente descoberta de que ele convertia meu escritório em sua habitação, e sem esquecer a sua mórbida melancolia; meditando sobre todas essas coisas, repito, um sentimento de prudência começou a me dominar. Minhas primeiras emoções haviam sido de tristeza mais pura e compaixão mais sincera; mas, à medida que o desamparo de Bartleby se expandia em minha imaginação, a tristeza se converteu em medo, a compaixão virou repulsa. A verdade terrível é que, até certo ponto, o pensamento ou visão da miséria despertam os nossos melhores sentimentos; mas não vão além, em certos casos especiais. Enganam-se os que asseguram que isso acontece invariavelmente por causa do egoísmo inerente ao coração humano. Em vez disso, provém de uma certa desesperança de se remediar um mal orgânico e excessivo. Para um ser sensível, a compaixão não raro é sofrimento. E quando se percebe que essa compaixão não pode levar a um socorro efetivo, o bom senso compele a

alma a se livrar dela. O que vi naquela manhã convenceu-me de que o escrevente era vítima de um mal inato e incurável. Eu podia dar esmolas a seu corpo; mas não era o corpo que sofria e sim a alma, só que esta eu não podia alcançar.

Não consumiei naquela manhã a intenção de ir à Igreja da Santíssima Trindade. As coisas que testemunhara me impossibilitavam, pelo menos por enquanto, de ir à igreja. Voltei para casa a pensar no que faria com Bartleby. Acabei tomando a seguinte decisão: haveria de interrogá-lo com toda calma na manhã seguinte, tentando descobrir a sua história e todo o resto; se ele se recusasse a responder com franqueza e sem restrições (e imaginava que ele preferiria não fazê-lo), então lhe daria uma nota de vinte dólares, muito acima de tudo o que lhe poderia dever, comunicando que seus serviços não eram mais necessários; mas se eu pudesse ajudá-lo, por qualquer outra forma possível, teria o maior prazer em atendê-lo, especialmente se ele desejasse voltar ao lugar em que nascera, qualquer que fosse, custeando todas as despesas de transporte. Além disso, se ele chegasse a sua casa e se descobrisse a qualquer momento precisando de ajuda, bastaria que me enviasse uma carta para obter uma resposta certa.

A manhã seguinte chegou.

— Bartleby — falei suavemente, chamando-o de trás do biombo.

Não houve resposta.

— Venha até aqui, Bartleby — insisti, ainda mais gentilmente. — Não vou lhe pedir para fazer qualquer coisa que você prefira não fazer... Quero apenas conversar com você.

Ele se adiantou, em silêncio.

— Quer me dizer, Bartleby, onde você nasceu?

— Eu preferia não fazê-lo.

— Pode me contar qualquer coisa a seu respeito?

— Eu preferia não fazê-lo.

— Mas que objeção razoável pode ter a conversar comigo? Eu gostaria de ser seu amigo.

Ele não me fitava enquanto eu falava. Em vez disso, fixava-se no busto de Cícero, que estava diretamente atrás de mim, uns quinze ou vinte centímetros acima de minha cabeça.

— Qual é a sua resposta, Bartleby? — insisti, depois de esperar por um tempo considerável, durante o qual a sua expressão se manteve impassível, podendo-se notar apenas um ligeiro tremor nos lábios pálidos.

— Prefiro não dar qualquer resposta no momento — disse ele, retirando-se em seguida para a sua ermida.

Reconheço que era uma fraqueza da minha parte, mas a sua atitude na ocasião me irritou. Não apenas parecia haver nela um certo desdém sereno, mas também sua obstinação parecia ingrata, levando-se em consideração o bom tratamento e a indulgência que eu sempre lhe dispensara.

Voltei a meditar no que deveria fazer. Apesar de mortificado com o comportamento de Bartleby e embora estivesse determinado a despedi-lo ao chegar ao escritório, um sentimento supersticioso me invadia o coração agora, a me impedir de cumprir esse propósito, a me dizer que só um canalha se atreveria a pronunciar qualquer palavra amarga contra aquele que era o mais desamparado dos homens. Ao final, arrastando minha cadeira para o outro lado do biombo, sentei-me e disse:

— Bartleby, não precisa preocupar-se em me contar sua história. Mas permita-me suplicar-lhe, como um amigo, que respeite na medida do possível os costumes deste escritório. Prometa que amanhã ou depois ajudará a conferir as cópias dos documentos. Prometa, em suma, que dentro de uns poucos dias se tornará um pouco razoável... prometa isso, Bartleby.

— Prefiro no momento não ser um pouco razoável — foi a resposta suave e cavernosa.

A porta de vidro se abriu nesse instante e Nippers apareceu. Parecia estar sofrendo de uma noite insone, induzida por alguma indigestão mais intensa que habitualmente. Ele ouviu as últimas palavras de Bartleby e gritou:

— *Prefere não*, hein? Pois eu teria preferido que ele preferisse sim, senhor, se estivesse no seu lugar. Não lhe permitiria qualquer preferência, o mulo teimoso! Se me permite perguntar, senhor, o que ele *prefere* não fazer agora?

Bartleby manteve-se absolutamente imóvel. Tratei de interferir:

— Sr. Nippers, eu prefiro que se retire no momento.

Não sei por que, ultimamente eu adquirira o hábito de usar o verbo “preferir”, mesmo em situações nas quais não era muito oportuno. E tremi ao pensar que meu contato com o escrevente já me afetara seriamente em termos mentais. Que outras e mais profundas aberrações não poderia ainda produzir? Essa apreensão não fora uma das causas menores na minha decisão de tomar providências drásticas.

Enquanto Nippers se retirava, soturno e mal-humorado, Turkey se adiantava, afável e deferente.

— Com sua licença, senhor, estive pensando ontem em Bartleby aqui e cheguei à conclusão de que se ele preferisse tomar todos os dias uma caneca de uma boa cerveja estaria dando um grande passo para se recuperar e acabaria se dispondo a ajudar na conferência de suas cópias.

— Então você também já pegou a palavra — comentei, um pouco excitado.

— Com sua licença, senhor, que palavra? — perguntou Turkey, entrando respeitosamente no espaço apertado por trás do biombo e forçando-me a esbarrar em Bartleby.

— Eu preferia ficar aqui sozinho — protestou Bartleby, como se estivesse ofendido pela invasão de seu refúgio.

— É justamente essa a palavra, Turkey.

— O verbo *preferir*? Ah, sim... uma estranha palavra. Nunca a uso pessoalmente. Mas, como eu estava dizendo, senhor, se ele preferisse...

Tratei de interrompê-lo:

— Retire-se, por favor, Turkey.

— Pois não, senhor, se prefere assim.

No instante em que ele abriu a porta, os olhos de Nippers, sentado à sua mesa, encontraram-se com os meus. Ele aproveitou para perguntar se eu preferia que um determinado documento fosse copiado no papel azul ou no branco. Não ressaltou maliciosamente o verbo *preferir*. Era evidente que lhe aflorara espontaneamente. Pensei que precisava mesmo me livrar de um demente, que já estava influenciando na minha maneira de falar e na de meus empregados, se não mesmo em nossas cabeças. Mas achei que era prudente não despedi-lo imediatamente.

No dia seguinte, notei que Bartleby não fez outra coisa que não olhar pela janela para a parede, entregue a seu devaneio. Quando lhe perguntei por que não trabalhava, ele respondeu que decidira não mais escrever.

— Mas como é possível? Quer dizer que não mais tenciona escrever?

— Isso mesmo.

— E qual é o motivo?

— Será que o senhor mesmo não pode perceber? — indagou ele, com absoluta indiferença.

Observei atentamente e constatei que seus olhos estavam opacos e vidrados. Ocorreu-me prontamente que sua diligência exemplar, copiando incessantemente durante as primeiras semanas de permanência no escritório, à claridade precária que entrava pela janela, poderia ter afetado temporariamente a sua vista.

Fiquei comovido. Murmurei algumas palavras de compaixão. Insinuei que ele fazia muito bem em se abster de escrever por algum tempo. Recomendei que aproveitasse a oportunidade para exercícios ao ar livre. O que ele não fez. Poucos dias depois, num momento em que meus outros empregados estavam ausentes e como tinha pressa em despachar

algumas cartas pelo correio, pensei que Bartleby, não tendo mais nada a fazer, certamente se mostraria menos inflexível e concordaria em dar um pulo à agência postal. Mas ele se recusou taxativamente. Apesar da inconveniência, fui obrigado a levar as cartas pessoalmente.

Mais alguns dias se passaram. Não sei se os olhos de Bartleby melhoraram ou não. Por todas as aparências, parecia que sim. Mas quando lhe perguntei, ele não me deu qualquer resposta. E continuou a não fazer qualquer cópia. Ao final, em resposta a minhas indagações, ele comunicou que resolvera deixar de copiar permanentemente.

— Mas como? — Eu estava atônito. — Vamos supor que seus olhos melhorassem... ficassem até melhores do que antes... mesmo assim não copiaria?

— Resolvi que não vou mais copiar — disse ele simplesmente, encerrando a conversa.

Bartleby continuou como sempre, um mero acessório no escritório. Um simples objeto, uma presença fixa... ainda mais do que antes, se isso era possível. O que se podia fazer? Ele se recusava a fazer qualquer coisa no escritório. Por que então deveria continuar ali? Na verdade, tornara-se agora um fardo pesado para mim, não apenas inútil, mas aflitivo de suportar. Apesar de tudo, porém, eu sentia pena dele. E estou dizendo a pura verdade quando acrescento que a sua presença me causava uma profunda inquietação. Se ele tivesse enunciado o nome de um único parente ou amigo, eu escreveria imediatamente, exortando a que levassem o pobre coitado para algum retiro conveniente. Mas ele parecia sozinho no universo, absolutamente sozinho. Como um destroço no meio do Atlântico. Finalmente, as necessidades relacionadas com os meus negócios prevaleceram sobre quaisquer outras considerações. Com toda suavidade possível, comuniquei a Bartleby que dentro de seis dias, impreterivelmente, ele deveria deixar o escritório. Aconselhei-o a aproveitar esse prazo para tomar as providências necessárias e arrumar

outro lugar em que pudesse habitar. Ofereci ajuda nesse empreendimento, se ele próprio desse o primeiro passo para a mudança.

— E quando finalmente me deixar, Bartleby — acrescentei —, cuidarei para que não saia daqui inteiramente desprevenido. Mas não se esqueça: terá de ir embora dentro de seis dias.

Ao findar o prazo, dei uma espiada por trás do biombo: lá estava Bartleby!

Abotoei o casaco, respirei fundo e adiantei-me para tocar-lhe o ombro, dizendo:

— Chegou o momento. Lamento por você. Aqui está o dinheiro. E agora tem de ir embora.

— Eu preferia não fazê-lo — respondeu Bartleby, ainda de costas para mim.

— Mas *tem* de ir embora.

Ele permaneceu em silêncio.

Eu tinha uma confiança ilimitada em sua honestidade. Ele me devolvera muitas vezes moedas que eu deixara cair pelo chão, pois sou muito descuidado com essas coisas. O que aconteceu em seguida, por conseguinte, não pode ser julgado extraordinário.

— Bartleby, eu lhe devo 12 dólares. Aqui estão 32... os outros 20 são um prêmio. Vai aceitar?

Estendi as notas em sua direção. Bartleby não fez qualquer menção de pegá-las.

— Pois então vou deixá-las aqui.

Ajeitei o dinheiro por baixo de um peso na mesa. Peguei o chapéu e a bengala. Encaminhei-me calmamente para a porta, onde parei e me virei, acrescentando:

— Depois que tirar suas coisas deste escritório, Bartleby, gostaria que trancasse a porta... pois todos os outros já foram embora. E faça o favor de deixar a sua chave debaixo do capacho, a fim de que eu possa recolhê-la pela manhã. Não mais tornarei a vê-lo. Assim sendo, adeus. Se eu



puder lhe ser de alguma ajuda em seu novo domicílio, pode me avisar por carta. Adeus, Bartleby. Espero que tudo lhe corra bem.

Mas ele não respondeu uma só palavra. Como a última coluna ainda em pé de algum templo em ruínas, permaneceu mudo e solitário no meio da sala deserta.

Voltando para casa, pensativo, minha vaidade acabou predominando sobre a compaixão. Não podia deixar de congratular-me pela maneira magistral com que me livrara de Bartleby. Chamo de magistral e assim devia parecer a qualquer observador imparcial. A beleza do meu procedimento parecia consistir de sua perfeita serenidade. Não houvera pressões vulgares, intimidações de qualquer espécie, ameaças iradas, gestos bruscos, ordens veementes para que Bartleby pegasse os seus trapos e fosse embora. Nada disso. Sem exigir clamorosamente a partida de Bartleby, como um gênio inferior poderia ter feito, eu postulara que ele devia partir, sobre essa premissa baseando o meu discurso. Quanto mais pensava em meu procedimento, mais o admirava. Mesmo assim, tive minhas dúvidas ao despertar na manhã seguinte... pois as fumaças de vaidade se haviam dissipado durante a noite. Um dos momentos mais lúcidos e serenos na vida de um homem é logo depois que ele desperta pela manhã. Meu procedimento continuava a parecer extremamente sagaz... mas somente em teoria. Qual seria o resultado na prática... era essa a questão. Era uma bela ideia a pressuposição da partida de Bartleby. Mas, no final das contas, era uma pressuposição apenas minha, não de Bartleby também. O importante não era eu ter pressuposto que ele deveria ir embora, mas sim se Bartleby preferiria partir. Ele era mais um homem de preferências do que de pressuposições.

Depois do café da manhã, segui para o centro, ponderando as probabilidades pró e contra. Pensava no momento que me descobriria um fracasso e encontraria Bartleby bem vivo no escritório, como sempre; no instante seguinte, parecia-me absolutamente certo de que sua cadeira estaria vazia. E assim fui seguindo, sempre hesitante. Deparei com um

grupo excitado, absorvido numa conversa animada, na esquina da Broadway com a Canal Street.

— Aposto que ele não sai! — gritou uma voz, no momento em que eu passava.

— Pois está apostado! — falei prontamente. — Vamos casar o dinheiro.

Eu já estava, intuitivamente, enfiando a mão no bolso para tirar meu dinheiro quando me lembrei de que aquele era um dia de eleição. As palavras que eu acabara de ouvir não tinham qualquer relação com Bartleby, mas sim com o sucesso ou insucesso de algum candidato à prefeitura. Na minha obsessão, imaginava que toda a Broadway partilhava a minha excitação, debatendo o mesmo assunto. Segui adiante, agradecido porque o barulho da rua encobriria a minha distração momentânea.

Como era a minha intenção, cheguei mais cedo do que de hábito à porta do escritório. Fiquei imóvel, escutando por um momento. O silêncio era total. Ele devia ter ido embora. Experimentei a maçaneta. A porta estava trancada. Meu procedimento funcionara como um golpe de mágica; o homem desaparecera. Senti uma certa tristeza a se misturar com a exultação; quase que lamentava o meu brilhante sucesso. Estava Tateando por baixo do capacho, à procura da chave que Bartleby deveria ter deixado ali, quando meu joelho bateu acidentalmente na porta, produzindo um som seco. E ouvi em resposta uma voz soar lá dentro:

— Espere um instante. Estou ocupado.

Era Bartleby.

Foi como se um raio me tivesse atingido. Por um instante, fiquei como o homem que, com um cachimbo na boca, fora morto numa tarde sem nuvens, há muito tempo, na Virgínia, por um raio de verão. Fora morto em sua janela aberta e lá permanecera, debruçado, pelo resto da tarde amena, até que alguém lhe tocara, só então tombando.

— Ele não foi embora! — murmurei finalmente.

Mas, outra vez, submetendo-me à ascendência que o inescrutável escrevente tinha sobre mim e da qual não conseguia escapar inteiramente, apesar de muito empenho, desci lentamente pela escada e saí para a rua. Enquanto dava a volta pelo quarteirão, andando bem devagar, pensei no que deveria fazer em seguida, naquela perplexidade inaudita. Era impossível expulsá-lo à força; também não poderia afastá-lo por meio de insultos e palavrões; chamar a polícia era uma ideia desagradável. Ao mesmo tempo, permitir-lhe que desfrutasse aquele triunfo cadavérico sobre mim... isso também era inadmissível. O que se podia fazer? E se nada era possível, o que eu poderia pressupor? Contudo, como eu presumira antes, prospectivamente, que Bartleby iria embora, eu poderia agora presumir retrospectivamente que ele de fato partira. Na legítima consumação dessa pressuposição, eu poderia entrar às pressas no escritório e presumir que não vira Bartleby absolutamente, avançando direto para ele como se fosse apenas ar. Tal procedimento teria todas as aparências, em grau singular, de uma indireta. Era muito difícil que Bartleby pudesse resistir a essa aplicação da doutrina das pressuposições. Mas, pensando bem, o sucesso do plano parecia um tanto duvidoso. Resolvi argumentar de novo com Bartleby. Entrando no escritório, com uma expressão severa e ao mesmo tempo calma, fui logo dizendo:

— Bartleby, estou bastante contrariado. Estou consternado, Bartleby. Não esperava isso de você. Tinha imaginado que demonstraria um comportamento cavalheiresco, que em qualquer dilema bastaria uma leve insinuação... em suma, uma pressuposição. Mas parece que me enganei. — Uma pausa e acrescentei, com um espanto natural, apontando para as notas, ainda no mesmo lugar em que as deixara: — Mas você ainda nem tocou no dinheiro!

Ele nada respondeu.

— Vai ou não me deixar? — indaguei agora, com súbita veemência, avançando em sua direção.

— Eu preferia *não* deixá-lo — disse ele, enfatizando suavemente o *não*.

— E que direito tem de ficar aqui? Paga aluguel? Paga meus impostos? A propriedade é sua?

Ele nada respondeu.

— Está disposto a voltar a escrever agora? Seus olhos já se recuperaram? Pode me copiar um pequeno documento esta manhã? Ou conferir algumas linhas? Ou dar um pulo ao correio? Em suma, está disposto a fazer alguma coisa que justifique a sua recusa em deixar o escritório?

Ele se retirou em silêncio para sua ermida.

Eu estava agora em tal estado de ressentimento nervoso que achei mais prudente abster-me no momento de novas manifestações. Bartleby e eu estávamos a sós. Recordei a tragédia do infortunado Adams e do ainda mais infortunado Colt, no escritório solitário do segundo; como o pobre Colt, sendo terrivelmente exasperado por Adams, permitira-se imprudentemente ficar tão excitado que se precipitara a cometer o ato fatal... um ato que nenhum homem poderia deplorar mais do que o próprio autor. Ocorrera-me muitas vezes, ao ponderar sobre o assunto, que se a alteração tivesse ocorrido na rua ou numa residência particular, não teria terminado da mesma forma. A circunstância de estarem sozinhos num escritório deserto, no alto de um prédio inteiramente desprovido de associações domésticas humanas, uma sala sem tapete, certamente de aparência desolada, empoeirada, deve ter contribuído para aumentar o desespero do desventurado Colt.

Mas quando o ressentimento do velho Adams aflorou e me tentou, em relação a Bartleby, tratei de enfrentá-lo e acabei por vencê-lo. Como? Ora, simplesmente recordando um dos preceitos divinos: “Outro mandamento que vos dou é o de amar-vos uns aos outros.” Foi justamente o que me salvou. Além de outras elevadas considerações, a caridade muitas vezes funciona como um princípio sábio e prudente, constituindo uma poderosa salvaguarda para o seu possuidor. Os

homens já cometeram assassinatos por ciúme, raiva, ódio, egoísmo e orgulho espiritual; mas jamais ouvi falar de homem que tenha cometido assassinato por caridade. Portanto, a prudência, se não houver qualquer outro motivo adicional melhor, já é suficiente para compelir todos os homens, especialmente os mais explosivos, à caridade e à filantropia. Seja como for, naquela ocasião empenhei-me em reprimir a irritação contra o escrevente pelo expediente de interpretar com benevolência o seu comportamento. O pobre coitado não sabe o que fazer, pensei; além do mais, já passou por situações terríveis e por isso merece alguma indulgência.

Procurei também ocupar-me com alguma coisa e ao mesmo tempo consolar meu desalento. Tratei de fantasiar que, no decurso da manhã, em um momento que mais lhe aprouvesse, Bartleby, por sua livre e espontânea vontade, emergiria de sua ermida e se encaminharia determinado para a porta. Mas tal não aconteceu. Ao meio-dia e meia, o rosto de Turkey se incendiou, o tinteiro virou, toda a sua turbulência se desencadeou; Nippers declinou para a sua cortesia e serenidade; Ginger Nut mastigava a sua maçã do meio-dia; e Bartleby permanecia virado para a janela, num dos seus mais profundos devaneios com a parede além. Será que acreditariam naquela situação? Eu deveria reconhecê-la? Deixei o escritório naquela tarde sem dizer mais nada a Bartleby.

Alguns dias se passaram e aproveitei os momentos de folga para dar uma olhada em *Sobre a vontade*, de Edwards e *Sobre a necessidade*, de Priestley. Nas circunstâncias, esses livros me induziram a um sentimento salutar. Gradativamente, acabei por me convencer de que os meus problemas com o escrevente estavam predestinados desde a eternidade. Bartleby me fora destinado para algum propósito misterioso por uma Providência Onisciente, que um mortal como eu não podia sondar. Isso mesmo, Bartleby, continue aí, por trás de seu biombo, pensei. Não vou mais persegui-lo. Você é inofensivo e silencioso como uma destas velhas cadeiras. Em suma, nunca me sinto tão íntimo quanto ao saber que você

está aqui. Finalmente posso ver e sentir, posso penetrar no propósito predestinado de minha vida. Estou contente. Outros podem ter papéis mais elevados a desempenhar, mas a minha função neste mundo, Bartleby, é proporcionar-lhe um espaço de sala por tanto tempo quanto possa julgar conveniente aqui permanecer.

Creio que esse sábio estado de espírito me teria persistido se não fosse pelos comentários gratuitos e maliciosos de colegas de profissão que me foram visitar no escritório. Mas como acontece frequentemente, o constante atrito de mentes mesquinhas acaba por desgastar as melhores resoluções dos mais generosos. Entretanto, pensando bem, não é de admirar que as pessoas que entravam em meu escritório ficassem impressionadas com o estranho aspecto do inexplicável Bartleby, sentindo-se assim tentadas a lançar comentários sinistros a seu respeito. Havia ocasiões em que um advogado vinha ao escritório à minha procura, só encontrando o escrevente ali. Empenhava-se então em lhe extrair alguma informação precisa sobre o meu paradeiro. Mas, sem prestar qualquer atenção às indagações, Bartleby permanecia imóvel no meio da sala. Depois de contemplá-lo nessa posição por algum tempo, o advogado acabava por se despedir, tão ignorante do que desejava saber como ao chegar.

Acontecia também, quando uma audiência estava em andamento, a sala repleta de advogados e testemunhas, os assuntos se sucedendo rapidamente, que algum colega mais ocupado, observando Bartleby desocupado, lhe pedia que fosse ao seu escritório para buscar algum documento. Ao que Bartleby recusava calmamente e continuava tão ocioso quanto antes. O advogado o fitava aturdido por um momento e depois se virava para mim. O que eu podia dizer? Percebi finalmente que em todo o círculo dos meus conhecidos corriam comentários espantados sobre a estranha criatura que eu mantinha no escritório. Isso muito me incomodava. Ocorreu-me que podia ser uma presença de vida longa, ocupando o escritório e ignorando minha autoridade, desconcertando

meus visitantes; maculando minha reputação profissional; projetando uma sombra lúgubre sobre o lugar; aguentando-se com suas economias (pois certamente não gastava mais de cinco *cents* por dia); talvez me sobrevivendo ao final e reivindicando a posse do escritório por sua longa ocupação. Todas essas sombrias expectativas me foram pressionando cada vez mais, enquanto os amigos continuavam a fazer comentários implacáveis sobre a estranha aparição em meu escritório. Uma grande mudança se processou em mim. Resolvi efetuar um esforço supremo, com todas as minhas energias, a fim de livrar-me para sempre daquele pesadelo insuportável.

Antes de elaborar um projeto complicado, no entanto, sugeri simplesmente a Bartleby a conveniência de sua partida em caráter permanente. Em tom sério e ponderado, solicitei a sua consideração cuidadosa e madura para a ideia. Ao cabo de três dias de reflexão, porém, ele me comunicou que persistia a sua determinação original; em suma, preferia permanecer comigo.

O que fazer agora?, perguntei-me, enquanto abotoava o casaco até o último botão. O que vou fazer? O que devo fazer? O que a consciência diz que devo fazer com esse homem... ou melhor, com esse fantasma? Devo livrar-me dele; é preciso que vá embora. Mas como? Vai expulsar à força esse pobre, pálido e passivo mortal? Vai jogar na rua uma criatura tão desamparada? Vai se desonrar com tamanha crueldade? Não, não farei isso. Não posso. Em vez disso, deixaria que ele vivesse e morresse no escritório, terminando por emparedar seus restos mortais no canto. Mas o que fazer, então? Ele não se deixa demover por todas as suas súplicas. Deixa seus subornos por baixo do peso de papel na mesa. É mais do que evidente que prefere ficar aqui.

Então era preciso tomar alguma providência drástica e excepcional. Mas o quê? Não vai certamente mandar um guarda agarrá-lo e arrastar sua inocente palidez para o cárcere, não é mesmo? E que motivo poderia apresentar para isso? Que ele é um vagabundo? Que se recusa a sair do

escritório? Mas por que ele *não* quer ser um vagabundo, vai classificá-lo como tal? Isso é um absurdo. Não tem meios visíveis de sustento? Por aí posso pegá-lo. Errado novamente: ele de fato se sustenta e essa é a única prova irrefutável que qualquer homem pode apresentar em seu favor. Então não há o que fazer. Se ele não quer me deixar, então eu tenho de deixá-lo. Mudarei de escritório. Irei para outro lugar e o avisarei de que, se o encontrar em minhas novas salas, serei obrigado a tratá-lo como um invasor comum.

Assim, no dia seguinte, lhe declarei:

— Este escritório fica muito longe do prédio da prefeitura e o ar está se tornando irrespirável. Em suma, tenciono mudar-me na próxima semana e não mais precisarei dos seus serviços. Estou lhe comunicando agora para que possa procurar outro emprego.

Ele não respondeu e nada mais foi dito.

No dia marcado, contratei carroças e homens e segui para o escritório. Como tinha poucos móveis, tudo foi removido em poucas horas. Durante toda a mudança, o escrivão ficou de pé por trás do biombo, que ordenei ser a última coisa a ser retirada. O que finalmente se deu, deixando-o como ocupante imóvel de uma sala vazia. Parei à porta, observando-o por um momento, enquanto alguma coisa bem no fundo me censurava.

Tornei a entrar na sala, com a mão no bolso e... e com o coração na boca.

— Adeus, Bartleby. Vou embora... adeus e que Deus o abençoe de alguma forma. Tome isto.

Pus alguma coisa em sua mão, mas caiu no chão. E depois, por mais estranho que possa parecer, afastei-me dolorosamente da presença de que tanto ansiara me livrar.

Instalado no novo escritório, mantive a porta trancada por um dia ou dois, estremecendo a cada passo que ouvia no corredor. Quando voltava ao escritório, depois de qualquer ausência, por menor que fosse, parava à entrada por um instante e escutava atentamente, antes de enfiar a chave



na fechadura. Mas tais temores eram infundados. Bartleby nunca tornou a me aparecer.

Pensei que tudo corria bem quando me apareceu um estranho de expressão transtornada, indagando se eu era a pessoa que ocupara recentemente o escritório no número X na Wall Street.

Respondi que sim, invadido por sombrios pressentimentos. O estranho, que era um advogado, disse então:

— Pois então, senhor, é responsável pelo homem que lá deixou. Ele se recusa a fazer qualquer cópia, se recusa a fazer qualquer coisa. Diz que prefere não fazer e se recusa a deixar o escritório.

— Lamento muito, senhor — falei, com uma serenidade superficial, mas tremendo por dentro. — Contudo, na verdade, o homem a que se está referindo não tem nada a ver comigo. Não é meu parente nem um aprendiz, não pode me atribuir a responsabilidade por ele.

— Em nome de Deus, quem é ele?

— Com toda sinceridade, não posso informar. Nada sei a seu respeito. Contratei-o outrora como copista, mas há muito tempo que ele não trabalha para mim.

— Pois então darei um jeito nele. Bom dia, senhor.

Vários dias se passaram e não tive mais notícias. Sentia ocasionalmente um impulso caridoso de visitar o escritório antigo e ver como estava o pobre Bartleby, mas um certo escrúpulo, não sei de que, sempre me detinha.

Todo o meu relacionamento com Bartleby está encerrado para sempre, pensei, quando transcorreu mais uma semana sem notícias. Mas, no dia seguinte, ao chegar ao meu escritório, deparei com diversas pessoas a esperar na porta, em grande nervosismo.

— É esse o homem! — gritou o que estava na frente, a quem reconheci como o advogado que me visitara sozinho vários dias antes.

— Tem de levá-lo embora imediatamente, senhor! — bradou um homem corpulento, avançando em minha direção. Reconheci o senhorio

do prédio do meu antigo escritório na Wall Street. — Esses senhores, meus inquilinos, não aguentam mais.

Ele apontou para o advogado, acrescentando:

— O Sr. B... expulsou-o do seu escritório, mas ele insiste agora em assombrar o prédio em geral, sentando-se nos corrimãos da escada durante o dia e dormindo à entrada de noite. Todos estão preocupados. Os clientes abandonam os escritórios, há ameaças de um tumulto de grandes proporções. Tem de tomar providências imediatas, senhor.

Consternado com essa torrente, fui recuando, ansioso em me trancar no meu novo escritório. Protestei em vão que nada tinha a ver com Bartleby não mais do que qualquer outra pessoa. Em vão: eu era a última pessoa relacionada a ele e ninguém se esquecia de tal circunstância. Temeroso de que me acusassem pelos jornais (como um dos presentes vagamente ameaçou), considerei a situação e finalmente declarei que, se o advogado me permitisse uma entrevista confidencial com Bartleby, no escritório antigo, eu faria o melhor possível, naquela mesma tarde, para livrá-los do incômodo de que todos se queixavam.

Subindo a escada, a caminho do meu antigo escritório, deparei com Bartleby sentado no corrimão do patamar.

— O que está fazendo aqui, Bartleby?

— Estou sentado no corrimão.

Levei-o para o escritório do advogado, que prontamente nos deixou a sós.

— Bartleby, sabia que me está causando grandes problemas ao insistir em permanecer no prédio depois de ser despejado do escritório?

Não houve resposta.

— Agora, uma das duas coisas tem de ocorrer: ou você faz alguma coisa, ou se terá de fazer alguma coisa com você. Que tipo de trabalho você gostaria de fazer? Por acaso lhe agradaria voltar a ser copista para alguém?

— Não. Eu preferia não fazer qualquer mudança.

— Gostaria de ser vendedor numa mercearia?

— Há muito confinamento nesse tipo de trabalho. Não gostaria de ser vendedor. Mas não sou exigente.

— Confinamento demais... para você que passa o dia inteiro confinado?

— Eu preferia não ser vendedor — respondeu Bartleby, como a encerrar a discussão.

— Que lhe parece um emprego num bar? Não teria de cansar a vista.

— Não me agradaria absolutamente. Mas, como já falei antes, não sou exigente.

Sua loquacidade inesperada me animou e tratei de voltar à carga:

— Nesse caso, não gostaria de viajar pelo país, recebendo contas para comerciantes? Seria bom para a sua saúde.

— Não. Eu prefiro fazer alguma outra coisa.

— Não gostaria então de viajar para a Europa, acompanhando algum jovem e distraíndo-o com a sua conversa?

— Não me agradaria, absolutamente. Parece-me que nada há de preciso nisso. Gosto de me fixar em algum lugar. Mas não sou exigente.

— Pois se quer se fixar num lugar, é o que lhe vai acontecer! — eu estava agora gritando. Pela primeira vez, em nosso exasperante relacionamento, lancei-me a um acesso de ira. — Se não sair daqui antes do anoitecer, eu serei obrigado... na verdade eu terei de... de... de... me retirar pessoalmente!

Concluí de forma um tanto absurda, pois não sabia que ameaça poderia atemorizá-lo a ponto de arrancá-lo de sua imobilidade. Desesperançado de obter resultados com qualquer esforço adicional, eu já me precipitava a sair, quando um derradeiro pensamento me ocorreu... um pensamento que não assumira plenamente antes, apesar de tê-lo vislumbrado. E falei, no tom mais gentil que podia assumir nas circunstâncias:

— Bartleby, você não quer ir comigo agora... para a minha casa e não para o escritório, onde ficaria até que pudéssemos chegar tranquilamente a algum arranjo que lhe conviesse? Vamos partir para lá de imediato.

— Não. No momento, eu preferia não fazer qualquer mudança.

Não falei mais nada. Esquivando-me a todos, com uma fuga súbita e rápida, saí correndo do prédio, subi a Wall Street até a Broadway e embarquei no primeiro ônibus que passava, livrando-me de toda e qualquer perseguição. Assim que recuperei a serenidade, compreendi nitidamente que fizera tudo o que era humanamente possível, não só em relação ao senhorio e seus inquilinos, mas também para com o meu próprio desejo e senso de dever de proteger Bartleby e salvá-lo de algum tratamento brutal. Procurei manter-me tranquilo e despreocupado. Minha consciência justificava essa intenção, embora deva reconhecer que não fui muito bem-sucedido. Tão apreensivo estava de ser atormentado pelo irado senhorio e seus furiosos inquilinos, que entreguei o escritório aos cuidados de Nippers e me ausentei por alguns dias, atravessando a cidade em minha carruagem, circulando pelos subúrbios, passando por Jersey City e Hoboken, fazendo rápidas visitas a Manhattanville e Astoria. Para dizer a verdade, quase que residi na carruagem durante esse período.

Quando voltei ao escritório, porém, a primeira coisa que encontrei foi um bilhete do senhorio em cima da minha mesa. Abri-o com dedos trêmulos. Comunicava que o autor chamara a polícia e que Bartleby havia sido removido para a cadeia como vagabundo. E como eu o conhecia mais do que qualquer outra pessoa, o senhorio pedia que eu comparecesse à polícia para fazer uma exposição objetiva dos fatos. Essas notícias tiveram um efeito conflitante sobre mim. Fiquei indignado a princípio, mas depois quase aprovei. O caráter vigoroso e inflexível do senhorio o levava a tomar uma iniciativa que eu próprio não tomaria. Contudo, nas circunstâncias, como último recurso, parecia a única saída.

Como eu soube depois, o pobre escrevente, ao ser informado de que iria para a cadeia, não oferecera qualquer resistência. Assentira em silêncio, com seu jeito pálido e inalterável.

Alguns espectadores compadecidos e curiosos aderiram ao grupo. Liderada por um guarda, de braço dado com Bartleby, a procissão silenciosa atravessara as ruas, em meio ao calor, barulho e alegria do meio-dia.

Fui à cadeia no mesmo dia em que recebi o bilhete. Procurando o encarregado, enunciei o propósito da minha visita. Fui informado de que o indivíduo que eu descrevia estava mesmo encarcerado ali. Assegurei ao encarregado que Bartleby era de uma honestidade inatacável e que merecia compaixão, por mais inexplicavelmente excêntrico que fosse. relatei tudo o que sabia e concluí com a sugestão de deixá-lo permanecer ali, num confinamento tão indulgente quanto possível, até que se pudesse fazer alguma coisa menos brutal... embora não tivesse a menor ideia do que poderia ser. De qualquer forma, se nada se pudesse fazer, pelo menos o asilo de indigentes poderia recebê-lo. Solicitei então uma entrevista com Bartleby.

Como não havia qualquer acusação grave contra ele, como era inofensivo e calmo, permitiam-lhe circular livremente pela prisão, inclusive pelos pátios cercados por sebes. Foi lá que o encontrei, sozinho no mais quieto dos pátios, o rosto virado para um muro alto, enquanto ao redor, pelas frestas estreitas nos muros da prisão, parecia que olhos de assassinos e ladrões o vigiavam.

— Bartleby!

Ele disse, sem se virar:

— Eu o conheço e nada temos a falar.

— Não fui eu quem o trouxe para cá, Bartleby — declarei, consternado com sua suspeita. — E este lugar não deve ser tão infame para você. A sua presença aqui não está relacionada com qualquer ato censurável. E

não é um lugar tão triste como se poderia imaginar. Aqui tem céu e tem relva.

— Sei onde estou.

Bartleby não quis dizer mais nada e acabei me retirando. Ao tornar a entrar no corredor, um homem corpulento me abordou e indagou, sacudindo o polegar na direção do pátio:

— Aquele é seu amigo?

— É, sim.

— Ele quer morrer de fome? Se quer, deixe-o viver com o regime da prisão e não precisará de mais nada.

— Quem é você? — perguntei, não sabendo como explicar um homem de linguagem tão pouco oficial naquele lugar.

— Sou o homem da comida. Os que têm amigos aqui me contratam para fornecer alguma coisa para se comer.

— É assim mesmo? — perguntei ao guarda que estava de serviço no portão.

Ele respondeu que sim. Pus algumas moedas na mão do homem da boia (como ele era conhecido) e disse:

— Quero que dispense uma atenção especial ao meu amigo. Providencie-lhe a melhor comida disponível. E seja tão polido quanto possível com ele.

— Não quer me apresentar? — pediu o homem da boia, fitando-me com uma expressão que parecia indicar que era todo impaciência para uma oportunidade de demonstrar o que podia fazer.

Concordei, achando que seria benéfico para o meu escrivão. Perguntando ao homem da boia como se chamava, levei-o até o lugar em que Bartleby estava.

— Bartleby, este é o senhor Cutley. Vai achá-lo muito útil aqui.

— Seu criado, senhor, seu criado — disse o homem da boia, fazendo uma reverência por trás do avental. — Espero que ache tudo aqui

bastante agradável, senhor. Bons jardins, aposentos frescos... espero que passe algum tempo conosco. O que vai querer para o jantar hoje?

— Eu preferia não jantar hoje — disse Bartleby, virando-se. — Não me cairia bem. Não estou acostumado a jantares.

Assim dizendo, ele se afastou lentamente para o outro lado do pátio e postou-se de frente para o muro.

— Esquisito, hein? — murmurou o homem da boia, virando-se para mim com uma expressão de espanto. — Ele não é meio estranho?

— Acho que ele é meio perturbado — comentei, tristemente.

— Perturbado? É mesmo? Pois juro que pensei que o seu amigo fosse um falsário. Todos os falsários são sempre assim, pálidos e gentis. Não posso deixar de sentir pena deles... não posso mesmo. Conheceu Monroe Edwards?

Ele fez uma pausa, visivelmente comovido. Pondo a mão no meu ombro, acrescentou, com um suspiro:

— Ele morreu de tísica em Sing Sing. Quer dizer que não conheceu Monroe?

— Não. Nunca tive qualquer relacionamento social com falsários. Mas não posso mais ficar. Cuide do meu amigo. Não vai perder nada com isso. Voltaremos a nos falar.

Alguns dias depois, obtive novamente permissão para entrar na cadeia. Segui então pelos corredores, à procura de Bartleby. Mas não consegui encontrá-lo.

— Eu o vi saindo de sua cela há pouco tempo — informou um dos guardas. — Talvez ele tenha ido para os jardins.

Então segui naquela direção.

— Está procurando pelo homem silencioso? — perguntou outro guarda. — Está deitado, dormindo no jardim. Não faz vinte minutos que o vi lá.

O pátio estava imerso em silêncio total. Era um lugar a que os presos comuns não tinham acesso. Os muros ao redor, de espantosa espessura,

impediam a passagem de todos os sons. A característica egípcia da arquitetura me deprimia com a sua tristeza. Mas uma relva resistente crescia pelo chão. Era como se no coração das eternas pirâmides, por uma estranha magia, houvessem brotado nas gretas as sementes largadas por passarinhos.

Avistei o definhado Bartleby, estranhamente encolhido na base de um muro, deitado de lado, os joelhos levantados, a cabeça encostando na pedra fria. Ele não se mexia. Parei por um instante, depois me aproximei. Inclinei-me e constatei que os olhos vazios de Bartleby estavam abertos; a não ser por isso, ele parecia estar profundamente adormecido. Algo me impeliu a tocá-lo. Ao fazer contato com a sua mão, um calafrio me subiu pelo braço, desceu pela espinha até os pés.

O rosto redondo do homem da boia me surgiu pela frente nesse instante:

— A comida dele está pronta. E também não vai comer hoje? Ou será que ele vive sem comer?

— Ele vive sem comer — murmurei, fechando os olhos.

— É mesmo? E ele está dormindo agora, não está?

— Com reis e ministros.

Creio que não haveria necessidade de continuar com esta história. A imaginação pode suprir facilmente o relato exíguo do enterro do pobre Bartleby. Antes de me separar do leitor, porém, devo dizer que, se esta pequena narrativa o interessou, a ponto de despertar sua curiosidade sobre quem foi Bartleby, como vivia antes de entrarmos em contato, só posso responder que também partilho essa vontade de saber tudo, mas não posso satisfazê-la. Não sei se devo divulgar aqui um pequeno rumor que chegou aos meus ouvidos poucos meses depois da morte do escrevente. Nunca pude confirmar o seu fundamento e não posso agora lhe garantir a verdade. Mas como esse rumor vago me despertou o interesse, embora fosse muito triste, creio que outros talvez se interessem também. O rumor era o seguinte: Bartleby fora um funcionário do



Departamento de Cartas Devolvidas\* em Washington, do qual fora subitamente afastado por uma mudança na administração. Quando penso nesse rumor, mal posso exprimir as emoções que me envolvem. Cartas mortas! Não soa como homens mortos? Imaginem um homem que, por natureza e infortúnio, é propenso a uma insidiosa desesperança. Alguma atividade pode ser mais apropriada para aguçar essa desesperança do que manipular cartas mortas e separá-las para o fogo? Pois são queimadas em verdadeiras montanhas todos os anos. Às vezes, o pálido funcionário retira de um envelope um anel... o dedo para o qual se destinava talvez esteja apodrecendo na sepultura; algum dinheiro, enviado por caridade, para quem já não come e não pode mais sentir fome; perdão para os que morreram em desespero; esperança para os que morreram sem esperança; boas-novas para os que morreram sufocados por insuportáveis calamidades. Com mensagens de vida, essas cartas se encaminham para a morte.

Ó Bartleby! Ó Humanidade!

## Nota

\* *Dead Letter Office*, no original. Literalmente, Departamento de Cartas Mortas. (N. da E.)

## Sobre Herman Melville

Nascido em 1819, em Nova York, Herman Melville desde jovem sonhou ardentemente em correr mundo. Obrigado a trabalhar por motivo do falecimento do pai, o futuro viajante exerceu vários empregos modestos, até fazer sua primeira viagem, à Inglaterra, quando tinha apenas 15 anos, e em 1841 já se dirigia aos Mares do Sul. Foi capturado pelos selvagens de uma das ilhas daquelas longínquas paragens, de onde conseguiu fugir para o Taiti. A fim de garantir seu sustento ao regressar aos Estados Unidos, aceitou um emprego na Alfândega de Nova York, lá trabalhando de 1866 a 1885. Morreu em 1891 na mesma cidade onde nascera. Virtualmente ignorado em seus próprios dias, Herman Melville teve o valor de sua obra literária reconhecido pelos críticos dos anos 1920, que o consideraram um dos maiores escritores do século XIX.

## Sobre Jorge Luis Borges

Escritor, poeta e ensaísta, Jorge Luis Borges nasceu em Buenos Aires, em 1899. Sua obra tem abordagem fortemente filosófica, o que o tornou consagrado e festejado nos círculos intelectuais de sua geração e das seguintes. Entre seus contos mais conhecidos estão “A biblioteca de Babel”, “Pierre Menard, autor de *Quixote*” e “O jardim dos caminhos que se bifurcam”. No fim da vida, acometido por um glaucoma, o autor foi gradualmente perdendo a visão e passou a dedicar-se mais a poemas. Além de na Argentina, morou na Espanha e na Suíça, onde morreu em 1986.

Borges traduziu Herman Melville para o espanhol. Também trabalhou em traduções de Oscar Wilde, Edgar Allan Poe, Franz Kafka, Hermann Hesse, William Faulkner, Rudyard Kipling, André Gide, Walt Whitman, Virginia Woolf e G. K. Chesterton.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de  
Imprensa S.A.

## **Bartleby, o escrivão**

### **Wikipédia do autor:**

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Herman\\_Melville](https://pt.wikipedia.org/wiki/Herman_Melville)

### **Goodreads do autor:**

[http://www.goodreads.com/author/show/1624.Herman\\_Melville](http://www.goodreads.com/author/show/1624.Herman_Melville)

### **Skoob do autor:**

<https://www.skoob.com.br/autor/101-herman-melville>